

# NEGRITUDE NA PÓS- AFRICANIDADE: CRÍTICA DAS RELAÇÕES RACIAIS CONTEMPORÂNEAS



**Maristela Abadia Guimarães<sup>1</sup>**  
(Universidade Federal de Mato Grosso)  
**Maureci Moreira Almeida<sup>2</sup>**  
(Universidade Federal de Mato Grosso)

Vol. 8 nº 16 jul./dez. 2013  
p. 501-504

Obra de Carlos Gadea, lançada em 2013 e frutificada a partir dos seus estudos de pós-doutoramento realizados em Miami. Gadea é pesquisador e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Vale dos Sinos - UNISINOS, além desta, publicou também *Acciones colectivas y modernidad global: el movimiento neozapatista* e *Paisagens da pós - modernidade: cultura, política e sociabilidade na América Latina*.

Dividida em dois capítulos, *Negritude na pós-africanidade*, consta ainda de Introdução, Conclusões e Referências. Num *córpus* com 126p, Gadea trata, numa nova perspectiva, acerca da negritude e africanidade na vertente dos Estudos Culturais, cujo objetivo caminha pela busca de se compreender o modo como tem sido reelaborado o espaço da negritude na contemporaneidade, trabalha, desse modo, com a noção de *espaço vazio*.

Chama atenção o jogo de paradoxos que se poderiam exprimir em oximoros perfeitos, a maneira da escritura autoral. Num texto que prima pelo tom poético, o autor elabora, talvez não intencionalmente, já nos Agradecimentos, o jogo de contrários: “este livro é dedicado a estes extremos da minha vida, a ausência e a presença”. As epígrafes parecem também traduzir essa propósito. No decorrer da leitura, o leitor atento notará que Gadea usa de modo coerente e metaforicamente os termos “paradoxalmente”; “binômio”; “ambiguidade”; “jogo ambíguo”; “lutas semânticas”; “contradições”, na perspectiva de que se compreenda que o estudo da negritude e africanidade, apesar de equidistantes”, configura-se cada um em conformidade com o “significante cultural”.

Em 26 de fevereiro de 2012 foi assassinado na Flórida (EUA), um jovem negro de 17 anos. Com esse mote, o autor abre sua Introdução. Numa narrativa fluida, o sociólogo inicia uma profunda reflexão sobre o sistema, ambíguo, de

<sup>1</sup> Estudante de Doutorado em Educação, na área de Relações Raciais e Educação - Universidade Federal de Mato Grosso.

<sup>2</sup> Mestrando em Estudo de Cultura Contemporânea - ECCO/UFMT.

classificação racial dos Estados Unidos e, posteriormente, traz a discussão para o sistema do Brasil. Importa dizer que a obra é leitura imprescindível para todos que procuram entender como a classificação racial tem sido construída, para além dos moldes do IBGE, porque aponta numa direção para se pensar como é heterogênea a constituição do *espaço da negritude*.

Na voz de Guimarães (1999), evoca o conceito de raça, construção sociológica. Num paralelo entre Estados Unidos e Brasil, o que corrobora para um melhor entendimento das questões raciais na construção de espaços identitários, examina a questão da autoclassificação racial que, na visão gadeana, pode ser compreendida num contexto relacional. Interessa pensar pela voz do autor que “As ‘marcas’ da negritude já não são simples marcações identitária, mas sim ‘espaços’ a serem ‘(des)colonizados’; trincheiras plurais” (p.21).

Ressalta-se que o *espaço da negritude*, não é de forma nenhuma uma categoria simples. Isso não é novo para o leitor? Talvez não o seja, mas na perspectiva dos estudos culturais, sob um trabalho etnográfico sério, quando habitado por um pesquisador autônomo, que transita entre diferentes espaços dentro das américas, o que talvez seja considerado já visto, pode ser reconfigurado, repensado.

Afinal, o racismo não é novo. Mas novas são as formas de dizê-lo. E são essas as que interessam sejam aos sociólogos, sejam aos antropólogos, sejam aos cientistas sociais de demais áreas interessados no fenômeno do multiculturalismo, mas também àqueles estudiosos das relações raciais, a quem, particularmente, interessam pensar e repensar o sistema classificatório nas categorias raça e cor.

De uma Introdução rica em noções conceituais, na qual o leitor não somente vislumbra a vida ceifada de um jovem, mas também ouve outras vozes autorias todas mobilizadas para dizer que o espaço da negritude é de *tensões*, como já dito, de *trincheiras plurais*, segue para o Capítulo I, “Contextos e situações do espaço da negritude”.

Dividido em 4 seções, o Capítulo I tem por finalidade apresentar contextos, Miami, como cenário social onde se desenvolvem e se desenrolam conflitos raciais. Numa viagem virtual, o leitor conhece os migrantes que aí habitam. Tomam nota da população e, numa linha cronológica, desloca-se no tempo – três últimas décadas do século XX – para adentrar o mundo da cultura urbana cercada por conflitos culturais. Tudo isso, na seção I “Miami, conflitos raciais e negritude”.

De volta ao século XXI, adentra o leitor na Seção II “Big Night em ‘Little Haiti’ – Miami 2012”, onde o pesquisador busca seu material para estudo, que ele chama de “Haiti novo, ‘diaspórico’ e imprevisível” (p. 39). É uma bela viagem ao ‘micromundo’ haitiano de Miami. O que significa esse espaço para os haitianos? Para Gadea, aí está o exemplo do “‘cenário vazio’ do próprio espaço de negritude” (p.46). Um investigador em busca de pistas e cenários para estudo, ao ler esta seção, sente-se instigado a pensar numa possível pesquisa comparativa: Haiti em Miami e como se apresenta Haiti no Brasil?

Gadea perguntou: “o que de particular é possível perceber no suposto *espaço de negritude* entre a população negra e haitiana, migrante e ‘americana’ que ali se encontrava?” (p.40). Poderia um outro estudioso transpor essa pergunta para o Brasil que, nos últimos

anos, e em diferentes Estados brasileiros, tem recebido grande leva de haitianos. Quais percepções se teriam sobre a população de migrantes haitianos?

Stuart Hall; Basc, Schiller e Blanc; Schueller; Blumer; Anderson entre outros são teóricos com os quais dialogam Carlos Gadea sobre noções de diáspora, identidade, cultura. A música *rapt* também é trazida ao contexto de estudo, pois é a estética uma das noções para se entender a pertença cultural.

Pensar culturas é poder pensar diferentes povos, oriundos de diferentes lugares e que se encontram no mesmo espaço. Que espaço seria este? Além dos haitianos em Miami, Gadea, na seção 3, reflete sobre os dominicanos. Ponto comum entre esses dois povos é que também “‘transgridem’ todo eventual espaço da negritude” (p.47). Aqueles que já leram *Atlântico Negro*, de Paul Gilroy, vale a pena voltar os olhos para esta seção.

A última seção do Capítulo I tem como cenário o “Parque da Redenção”, em Porto Alegre. Quem são os jovens que ali frequentam? De acordo com as reflexões gadeanas, esses jovens, assim como os demais observados, também parecem ter sofrido alterações em seus laços de sociabilidade – conceito que o autor trabalha ao longo da obra - porquanto o espaço de negritude vivenciado por eles, num movimento muito semelhante aos dos demais, parece estar sendo modificado. Outra noção incorporada é o de “luta semântica”. A seção 4 traz à luz a questão de uma consciência juvenil, uma espécie de “consciência racial” que perpassa, atravessando num processo de cisura, o gueto.

O capítulo I é um belo mergulho naquilo que se chama de jogo dos contrários, a riqueza dos termos usados ao longo do texto, a enunciação dos paradoxos entre *espaço de negritude* e *africanidade*. O jogo, que não seria de simples palavras, mas de *reversão das identificações* faz com que o texto, longe de ser pessoal, estabeleça nexos entre aquilo que a princípio possa parecer ambíguo, estabelecendo um perfeito diálogo enunciativo.

Já o segundo capítulo, “O reverso da negritude e o avesso da africanidade” lembra, primeiramente, que os estudos culturais e sociais são responsáveis por protagonizar discussões sobre racismo e antirracismo, as identidades coletivas e as diferenças culturais, buscando as conexões com os problemas políticos e culturais. Por conseguinte, o autor traz a questão do reverso da negritude e o seu oposto, que diz respeito à africanidade. A problemática apresentada gira em torno de pensar “em que sentido se faz possível considerar que se assiste a uma redefinição das formas e relações raciais contemporâneas, ao sugerir-se certa ‘superação’ do uso de categorias sociológicas vinculadas a noções próprias de uma ‘socializada racializada’” (p.62). Para além de instigar a conhecer a obra, provoca os sociólogos mais tradicionalistas.

Este capítulo é multitemático, sendo um pouco mais “pesado” que o anterior, pois o autor retoma, nas quatro seções, densas teorias. Na primeira seção, discute a “racialização da sociedade, em particular a brasileira. Com Simmel pensa a individualização e diferenciação social; retoma em certa medida as políticas de ação afirmativa em universidades públicas; com Azevedo e Fernandes revisita a noção de democracia racial; de Guimarães toma emprestado a noção de ideia de raça entre outras premissas importantes, como as de pertença racial e guetização, de Wacquant. Retoma os cenários estudados para concluir que todos eles parecem dar mostras de haver novas

formas de sociabilidades que redefinem o jovem negro.

Com Zilá Bernd abre-se a seção 2, “Negritude e identidade”. São muitas as questões levantadas pelo autor. Parece haver certa angústia ao pensar cada uma delas. Finaliza a seção com a sentença: “a negritude parece olhar a *si mesma* com olhos brancos” (p.84).

Africanidade e etnocentrismo é a terceira seção. Várias questões são postas. *O que é a africanidade?* é uma delas. Interessante discussão se realiza, a partir dessa questão, em torno do *afrocentrismo*. Uma passagem, entre várias, pode deixar o leitor bem inquieto: “Sem ‘consciência’, ‘pode-se ser’ africano, mas não ‘afrocêntrico’; em definitivo ‘pode-se ser’ negro, mas não fazer parte da negritude” (p.91). Quais sentidos carregam essas afirmativas? Para compreender, é preciso que se leia a obra com os olhos atentos para o que de novo permeia as relações racias.

A quarta seção “Diferenciação e pós-africanidade” é longa, todavia isso não faz dela uma leitura cansativa. Longe disso! Quem de nós já se perguntou se Daniela Mercury, ao cantar “a cor dessa cidade sou eu”, se percebe como mulher negra? Grupos de pertença, quais são os sentidos carregados? Haveria correspondência entre grupo de pertença e grupo de referência? Por meio da diferença entre um e outro grupo haveria a percepção de uma experiência negra marcada por uma clara *dualidade*? A experiência negra adquiriu, na atualidade, novas formas, o que isso leva a pensar? Essas questões não estão dessa forma colocadas no livro. Mas podem, a partir dele, serem respondidas.

Recomenda-se a leitura dessa obra não somente para jovens negros. Mas para todos os jovens sejam brasileiros ou não, negros ou não, pois, numa sociedade pós-moderna, com identidades fragmentadas, a busca pelo encontro de si mesmo atravessa o encontro/desencontro consigo mesmo e com o outro.

O autor perpassa seu constructo teórico embasado nas visões de outros estudiosos do tema, talvez isso possa levantar críticas para aqueles que pensam o pós-doutoramento como momento de criação ensaística, pois, por se tratar de estudos realizados no pós-doutorado, poderia mostrar maior autonomia teórica validando, por si, sua posição crítica. Em contraponto, o autor ousa novos voos rumo a uma nova direção: pensar e repensar a complexa ambiguidade em torno do *ser negro*.

Nexo semântico perfeitamente construído numa envergadura afirmativa e visão antropológica pós-moderna, os fios tecidos levam a visualizar a vida de jovens negros e os significados que carregam essa vivência.

E, assim, a obra do sociólogo uruguaio e professor Carlos A. Gadea aborda a temática das relações raciais, discutindo a identidade negra, a negritude e a africanidade. Nela, o autor apresenta a tese de que os jovens negros contemporâneos não se identificam com as concepções de africanidade para fortalecer a autoestima e legitimar o enfrentamento da problemática do racismo a partir de uma ancestralidade.

Recebido em 08/12/2013

Aprovado para publicação em 13/12/2013